

E a CUT responde: "A violência não parte dos trabalhadores".

O presidente da Regional ABC da CUT, Vicente Paulo da Silva, repudiou as declarações do ministro-chefe da Casa Civil, Marco Maciel, que alertou para ligação dos conflitos de Leme com a proposta de luta pela conquista da terra, aprovada no II Congresso Estadual da central sindical, realizado recentemente em São Bernardo do Campo. "É absurdo, sob todos os pontos de vista, acusar a CUT de incentivar a violência no campo. A violência existe, mas não parte dos trabalhadores, pois eles não juntamente as maiores vítimas das injustiças verificadas no campo."

Vicente Paulo da Silva classificou as declarações do ministro como "uma tentativa de o governo não assumir suas próprias responsabilidades no episódio, através da deflagração de uma campanha de desinformação que visa a atingir a CUT e o PT". Acrescentou que a reforma agrária não pode ser protelada. "A violência no campo atingiu níveis superiores aos do período da ditadura militar. Cotidianamente, dirigentes sindicais, posseiros e padres são assassinados".

Para o sindicalista, a Polícia Militar agiu com injustificável violência durante a manifestação dos trabalhadores rurais de Leme. "O governo deve explicações a toda a sociedade. Essa agressão está na base do pacote anti violência do governo, que não desarma os latifundiários e só faz aumentar a repressão sobre os trabalhadores", criticou Silva.

Observou que a CUT condena todas as formas de violência. "As teses da CUT citadas pelo ministro, na realidade, apenas defendem posse da terra para quem nela trabalhe e condenam a violência no campo", complementou o sindicalista.

Os primeiros tiros

Ainda em Leme, o candidato do PT ao governo do Estado, Eduardo Suplicy, que chegou à cidade no sábado, disse que vai ficar ali até que esteja completamente esclarecida a versão dos motoristas da Usina Crisciumal, de que os primeiros tiros do conflito partiram do Opala azul do PT. Suplicy disse ter recebido informações do deputado Aírton Soares (ex-PT, hoje PMDB) de que "todo esse confronto pode ter sido preparado pela UDR (União Democrática Ruralista)", entidade de empresários rurais que combate a reforma agrária.

"Vários trabalhadores que estavam na entrada da usina no dia dos conflitos", disse Suplicy, "contaram que os primeiros tiros partiram dos PMs que estavam dentro do ônibus. Eles tinham embarcado no ônibus para garantir a segurança dos que queriam passar pelo piquete".

O candidato do PT tentou apurar, na delegacia, o caso do lavrador Reginaldo Quirino, irmão de Antonio Quirino Lopes (baleado no dia do conflito, e ainda internado na Santa Casa). Reginaldo disse a Suplicy que foi espancado por policiais militares, logo depois do conflito, quando a PM entrou em diversas casas do bairro de Santa Rita. Mas, de acordo com o boletim de ocorrência registrado na delegacia nesse dia, a versão é outra: Reginaldo, mais quatro lavradores armados com pedaços de pau, tentou invadir a casa do soldado da PM, Cláudio Pereira Lima.

Justificativas

Já deputado federal José Genoíno Neto, também do PT, que articulava um piquete quando o conflito começou e depois foi espancado e detido pela Polícia, junto com Djalma Bom, também deputado federal do partido —, tentou justificar a troca de placas no Opala azul da Assembléia Legislativa (o automóvel estava com placas "frias" de São Paulo, MI-9964), explicando que pelo regimento interno da Assembléia, cada deputado recebe dois pares de placar, oficial e

particular, que podem ser utilizadas de acordo com sua necessidade. Ele argumentou também que do interior do camburão viu policiais militares jogando pedras e panfletos dentro do automóvel, para incriminá-lo.

Sobre as críticas ao envolvimento do PT no incidente, ele respondeu com ironia, afirmando que estava dando apoio aos grevistas, da mesma maneira que o ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, fazia no ABC, quando era parlamentar do PMDB. O presidente da Central Única dos Trabalhadores, Jair Meneguelli, por sua vez, desculpou-se declarando que "novamente a CUT e o PT estão sendo usados para explicar a violência cometida pelo Estado". Ele acrescentou que a proposta do governo, com o Plano Cruzado, caía por terra, na medida em que os trabalhadores não poderiam continuar mais sendo explorados indefinidamente, e previu uma evolução das greves no País a partir dessa situação, que considerou insustentável.

Quércia

O vice-governador de São Paulo e candidato ao governo do Estado pelo PMDB, Orestes Quércia, disse ontem, em Jacareí, que "a culpa de tudo isso, pertence ao PT e CUT; foram eles que começaram a agitação". Quando os repórteres perguntaram sobre as declarações de Eduardo Suplicy, de que Orestes Quércia deveria retirar sua candidatura, devido aos incidentes, Quércia respondeu: "Acho que o Suplicy é que deveria retirar sua candidatura, porque saiu bastante desgastado. Toda a responsabilidade cabe unicamente ao Partido dos Trabalhadores e ao seu braço sindical, a CUT, que segue orientação daquele partido".

Quando um jornalista relembrou a Freguesia do Ó, dizendo que quando o governo era do PDS, aconteciam incidentes daquele tipo, Quércia disse que "o povo não vai culpar o PMDB, vai votar em seus candidatos, porque tudo o que houve foi obra do PT, que não mede consequências para chegar ao poder".